

Gian Mario Giuliani<sup>1</sup>

## *Ecologia e nostalgia do futuro*<sup>2</sup>

“O nostálgico roca-se na invencível esperança porque se reconhece cidadão de uma outra cidade e de um outro mundo, porque a sua pátria é uma cidade invisível situada no infinito.”

(Vladimir Jankelevitch, p. 173).

### **Crise ambiental e nostalgia**

Na modernidade capitalista, a visão hegemônica da natureza como um inexaurível reservatório de bens a serem explorados economicamente tem levado a uma crise social e ambiental cada vez mais aguda. Os desastres ambientais, sempre mais frequentes e destrutivos, combinam-se à crescente insatisfação pela deterioração da qualidade de muitas das dimensões da nossa vida cotidiana, os conhecidos estresses da vida moderna, já considerados formas codificadas de patologias modernas. A ampliação destas condições de desconforto recoloca no plano da análise social um estado mental que durante muito tempo permaneceu circunscrito ao mundo da literatura e da poesia: a nostalgia. Esta, reconhecida como o sentimento que nos faz lembrar com melancolia uma série de dimensões

---

<sup>1</sup> Gian M. Giuliani é professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ. E-mail: gmgiuliani@uol.com.br.

<sup>2</sup> A expressão “nostalgia do futuro” é o título do poema do brasileiro Antonio Lisboa Carvalhode Miranda, docente da Universidade Federal de Brasília e membro da Academia de Letras do Distrito Federal. Uma versão em espanhol do poema pode ser encontrada no site: <[http://www.antonio Miranda.com.br/sobreoautor/sobre\\_autor\\_index.html](http://www.antonio Miranda.com.br/sobreoautor/sobre_autor_index.html)>

sociais que já se perderam, tem contribuído também para o aumento da valorização da natureza e do desejo de conservá-la, respeitando o seu estado original quando possível ou, pelo menos, adaptando as intervenções humanas às condições e aos ritmos de sua reprodução. No sentir nostálgico, a natureza cessa de ser unicamente um reservatório material de recursos econômicos, para se tornar o mundo no qual temos que viver e do qual depende substancialmente a qualidade da nossa vida.

No variado arquipélago ambientalista estão presentes propostas que buscam avivar uma consciência ambiental, valorizando modos mais simples de vida de grupos humanos que se desenvolvem através de sistemas produtivos e de consumo de baixo impacto ambiental e com um contato mais direto com a natureza. Ao mesmo tempo que são ressaltados os benefícios sociais e ambientais das populações ditas tradicionais, como camponeses, pastores, pescadores e artesãos, muitas vezes são reportadas as lembranças de como o nosso mundo era antes da atual situação. É recordado com melancolia o tempo no qual as relações humanas eram mais pessoais e as cidades mais vivíveis, com ar e águas limpas; a comida e os alimentos eram saudáveis e produzidos no lugar, e a vida era mais lenta sobrando tempo e espaço para a contemplação. Esta forma de ambientalismo é depreciativamente considerada pelo pensamento pragmático<sup>3</sup> como “nostálgica” – quando não utópica – ou seja, é contemplada como uma das formas de pensamento distantes da realidade e, sobretudo, desprovidas de qualquer significado prático.

Na modernidade atual, a nostalgia assumiu formas distintas e não somente é objeto de julgamentos muito diferentes, como adquire também valorações contraditórias. O senso comum leva a pensar a nostalgia como uma con-

---

<sup>3</sup> Também de ambição ambientalista, como por exemplo a corrente da Modernização Ecológica.

descendente, mas inútil e estéril, entrega a lembranças de eventos, pessoas ou lugares que em certo tempo nos fizeram felizes. Aparece assim uma condição mais negativa, uma fraqueza de almas frágeis, que evitam viver em plenitude o presente. Porém, quando a nostalgia invade não só uma alma aqui e outra acolá, mas gerações inteiras de pessoas voltadas a recordar experiências e eventos do passado que, reunidos, desenham o mosaico de uma sociedade alternativa a que é presente, então, nos encontramos diante de uma forma de nostalgia qualitativamente distinta.

O estado de ânimo chamado “nostalgia” tem sido subestimado na sua potencial capacidade de alimentar uma diferente visão de mundo e de estimular ações orientadas para uma relação sociedade-natureza mais equilibrada e sustentável. As diversas dimensões da nostalgia referem-se sobretudo às aflições da modernidade e, particularmente, àquelas provocadas pela chamada *crise socioambiental*.<sup>4</sup> Após décadas em que o crescimento econômico-industrial é imposto como objetivo indiscutível e sinônimo de progresso e de bem-estar social, encontramos-nos, como alguém já observou, em uma situação que lembra o hamster na esfera giratória; quanto mais corre, mais a roda gira rápida, mas ele fica sempre no mesmo lugar, só que cada vez mais cansado. Então, temos que nos perguntar se realmente sabemos para onde estamos indo. Ou, se nos sentimos irremediavelmente condenados a um progresso que nos tritura e apequena o nosso ambiente e a natureza sem a qual não podemos viver.

---

<sup>4</sup> O tema é enunciado de diferentes modos com propostas de solução contrastantes, sendo que para vários autores estaria ligado ao da *crise de civilização*. Além da tese do economista e antropólogo húngaro Karl Polanyi sobre o caráter socialmente destrutivo do mercado capitalista, outros autores se referem à crise de civilização, como, por exemplo, o médico missionário, filósofo, músico e intérprete da civilização contemporânea Albert Schweitzer (1963); o biólogo evolucionista americano Mason Diamond (2005) e, mais atualmente, o economista e filósofo francês Serge Latouche (2003) e o sociólogo italiano Luciano Gallino (2011).

Neste caso, ressurgem lembranças que a rápida e profunda mudança ainda não apagou do todo. Seja do tempo em que a vida transcorria mais calma e as pessoas do nosso ambiente social eram todas conhecidas, seja de quando a água do rio era limpa e transparente, cheia de espécies diferentes de peixes e de quando as árvores e campos relvosos bordejavam o seu leito, oferecendo espaços para frescas e agradáveis idas ao campo com a família, antes que enormes barragens inundassem e transformassem tudo isso em um lago hidroelétrico interdito ao público. Temos nostalgia dos alimentos que nos nutriam, de como eram produzidos, das pessoas que os preparavam, antes que a cadeia alimentar industrial e a grande distribuição colocassem à nossa disposição uma grande variedade de OCNI,<sup>5</sup> produzidos e distribuídos em formas absolutamente impessoais e com proveniência desconhecida. Também nos lembramos de animais e plantas que não veremos mais por serem espécies extintas,<sup>6</sup> assim como recordamos os espaços naturais já irremediavelmente deturpados pela cimentação, os inúmeros panoramas obscurecidos por construções e viadutos, e também a beira do mar agredida pela urbanização e as atividades industriais e portuárias.<sup>7</sup>

Pode-se pensar que esta nostalgia seja uma fuga do desconforto do presente ou um ardil que distrai o espírito sofrendo fazendo-o retornar algo que o consola, mesmo sa-

---

<sup>5</sup> OCNI – objeto comestível não identificado – é um acrônimo criado por Fischler (1993).

<sup>6</sup> Segundo o Living Planet Index do WWF, de 1970 a 2005, desapareceram cerca de 1/3 das espécies animais do planeta: as espécies marinhas diminuíram 28%; as terrestres 25% e as de águas doces 29%. As mudanças climáticas, a poluição, a urbanização, a pesca e a caça, destroem a cada ano cerca de 1% dos exemplares da fauna. Ver: <[http://wwf.panda.org/about\\_our\\_earth/all\\_publications/living\\_planet\\_report/](http://wwf.panda.org/about_our_earth/all_publications/living_planet_report/)>

<sup>7</sup> Segundo o Programa das Nações Unidas pelo Ambiente – UNEP – 40% das costas foram ocupadas por intervenções antrópicas. Ver: <http://www.onuitalia.it/sviluppo/sostenibile/UNEPNOTAINFORMATIVASULLUN.html>>

bendo que não poderá ser repetido. Do contrário, pode-se pensar na nostalgia como uma crítica ao próprio modo de viver o presente através da reconstrução de experiências direta ou indiretamente já vividas. Tais experiências, que talvez outrora não recebessem particular apreço, hoje são objeto de grande consideração quando confrontadas com um presente penoso e um futuro incerto. Assim, a chamada crise ambiental pode representar uma chave transversal para a compreensão dos problemas sociais postos pela modernidade industrial e, ainda, para o entendimento das controversas relações entre cultura e natureza. Com efeito, se as relações que os humanos mantêm com a natureza são o reflexo das relações que eles mantêm entre si, então, a nostalgia pode tornar-se uma dimensão crítica quer das relações sociais, quer do modo predominante de ver, pensar e transformar a natureza.

### **Nostalgia: doença ou saúde da alma?**

Sempre se considerou a nostalgia como um sentir tipicamente humano, porque se exprime e se reconhece através da linguagem e também porque conhecemos muito pouco a linguagem das outras espécies animais, incluindo aquelas que convivem conosco. O termo nostalgia deriva do conjunto de duas palavras gregas: *nostos*, que significa retorno, e *algos*, que significa dor. Substancialmente é ligada às lembranças de coisas passadas. Pode ser dirigida a pessoas, a paisagens, a modos de vida e de trabalho que não mais existem, ou pode ser um desejo de retorno a uma arquetípica forma de existência que não tem todos os inconvenientes e aspectos negativos associados à vida presente. Na origem, expressava-se mais através do corpo do que da linguagem. Efetivamente, a palavra tem uma origem médico-clínica e foi criada por um estudante de medicina alsaciano, Johannes Hofer, quando ele tinha

dezenove anos de idade, na sua *Dissertatio medica de nostalgia*, apresentada na Universidade de Basileia em 1688. Segundo o professor de Letras Comparadas da Universidade italiana de Siena, Antonio Prete (1992), alguns médicos do final de 1600 observavam que vários mercenários, sobretudo os suíços, que prestavam serviço aos exércitos de outros países, eram afetados por febres, alucinações, náuseas, depressão e delírios. Os médicos imputavam aquelas alterações a causas físico-ambientais, como os ares diferentes, as temperaturas inusitadas, a pressão atmosférica incomum os alimentos insólitos que os soldados eram obrigados a consumir. Hofer, ao contrário, queria demonstrar que aqueles eram os sintomas de uma verdadeira doença e que esta não era causada por fatores físico-ambientais, mas morais. O que prostrava fisicamente esses homens, tirando deles a força para combater, era o incontrollável desejo de voltar para casa. A nostalgia, portanto, aparecia como um estado mental parecido com aquele que os franceses chamavam *mal du pays*,<sup>8</sup> estado que expressava fisicamente o mal estar geral provocado pela distância daquilo que é conhecido. O mal atacava, sobretudo, pessoas que tinham vivido sempre em lugares muito pequenos, em aldeias onde todo mundo se conhecia, onde falava-se a mesma língua e a vida decorria em âmbitos comunitários e restritos a atividades dependentes da natureza. Eram substancialmente camponeses, pastores, pequenos artesãos muito ligados aos seus lugares de origem, à família, à paisagem e às suas atividades executadas em ritmos rotineiros e lentos.

Cem anos mais tarde, a interpretação que Hofer deu deste mal estar sentimental já era domínio de cientistas e letrados. A descrição feita pelo médico e poeta suíço

---

<sup>8</sup> O poeta e músico francês Pierre-Jean de Béranger (1780-1857) assim cantava a nostalgia ou a *maladie du pays*: “Ah, rendez-moi, rendez-moi mon village / Et la montagne, où je suis né” (Cf. IRTL, 2007).

Albrecht Von Haller em 1779 (*apud* PRETE, 1992: 24), segundo a qual quem sofre deste mal é gente que provém de povoados que não recebem estrangeiros e onde quase ninguém de fora é autorizado a se estabelecer, se assemelha muito à concepção formulada posteriormente, em 1821, pelo médico militar François Gabriel Boisseau. (*apud* PRETE, op. cit: 78) Este considerava a nostalgia como uma melancolia causada pelo desejo forte de rever as pessoas queridas e pelo fato de o doente estar entre estrangeiros não amados. A prostração contaminava, sobretudo, almas simples forçadas à mudança, poupando, entretanto, os que têm experiência de vida em lugares diversos. O doutor Boisseau sustentava que os soldados afetados pela nostalgia recobriam a saúde caso lhes fosse anunciada a possibilidade de um retorno para casa, afirmando que: “*O que mata o desafortunado nostálgico é a convicção que seus costumes mudaram para sempre*” (IDEM: 82). Tal interpretação nos apresenta uma condição dolorosa que ressalta a relação entre o indivíduo e o ambiente. O indivíduo se vê obrigado a viver num ambiente onde se sente estranho, fazendo coisas que não gosta, comendo de maneira inabitual e não conseguindo estabelecer relações de familiaridade com as pessoas locais. Enfim, um ambiente no qual não consegue interagir.

Outras interpretações distanciam-se de uma perspectiva médica para refletir sobre os sentimentos, observando que a nostalgia não acomete somente soldados e camponeses, mas todos os que vivem a experiência da separação física, como os exilados, os migrantes e também os namorados distantes. O amor e a nostalgia são os sentimentos mais cantados por poetas,<sup>9</sup> romancistas e músicos, porque a música e a poesia são as linguagens mais adequadas para estes dois sentimentos. Tanto os poemas que declamam a nostalgia, como as músicas que a exprimem, conectam-se

<sup>9</sup> Ver: <<http://www.frase.net/frasi/cerca.asp?search=nostalgia&cat=frasi-d-amore>>

não apenas a momentos vividos, mas também a lugares concretos e a determinadas formas da Natureza. O filósofo Jean-Jacques Rousseau relata que uma conhecida música popular *Ranz-des-vache*, muito tocada pelos camponeses em certas áreas das montanhas suíças, suscitava tão forte nostalgia entre os soldados daqueles povoados que estavam longe de casa, que os levava à morte ou à deserção. Uma vez constatada tal associação, o Rei ordenou que fosse proibido tocá-la (*apud* PRETE, *op. cit.*: 67). Semelhante força evocativa pode ter o perfume do ar, ou das plantas, da cozinha ou até o murmúrio de um riacho. Muitas vezes, através da alquímica combinação de dor, paixão e ilusão, são compostas obras que provocam profunda emoção. Nos artistas e letrados parecem prevalecer definições que confirmam o negativismo deste sentimento, considerado como ofuscamento do real, como o desejo de algo que nunca ocorreu. Neste sentido, a nostalgia continua sendo, como nas suas origens, uma verdadeira “doença da alma” (BATTISTELI, 1920).

A maioria das interpretações da nostalgia ainda hoje reafirma o seu caráter negativo para a pessoa que a sente, pondo em evidência dimensões e tonalidades diferentes. O filósofo Schopenhauer, por exemplo, enfatiza a dimensão do “autoengano” que induz a concentrar-se em um lugar para mascarar o verdadeiro desejo de retorno à juventude.<sup>10</sup> Deste modo, a nostalgia seria fruto de uma confusão que sobrepõe na nossa mente lembranças do passado com desejos do presente. Alguns psicólogos parecem recalcar este modelo quando consideram a nostalgia como uma forma de fuga à qual os adultos recorrem quando se lembram da sua infância. É nesta perspectiva que os pesqui-

---

<sup>10</sup> “Às vezes acreditamos estar sentindo nostalgia de um lugar distante, enquanto a nostalgia refere-se somente ao tempo vivido nesse lugar quando éramos mais jovens.” Arthur Schopenhauer (1788-1860). Ver: <http://it.wikiquote.org/wiki/Nostalgia>.

sadores do *American Academy of Pediatrics*<sup>11</sup> caracterizam a nostalgia do passado como uma forma de doença, dado que não deixaria os que a sofrem avançarem em direção às novidades, nem assumirem os seus riscos, provocando assim incapacidade para a sua adaptação e provocando sérios distúrbios psicossomáticos.<sup>12</sup>

Na verdade, nem todos os psicólogos estão de acordo com uma interpretação negativa deste sentimento. Eles consideram que a nostalgia, mesmo também sendo uma forma de autoengano, nem sempre é vista como desfavorável. Em um site, aberto a intervenções e comentários,<sup>13</sup> pode-se ler que, segundo os especialistas do Departamento de Ciências e Psicologia da Universidade de Southampton, na costa sul do Reino Unido, a nostalgia tem um efeito terapêutico sobre a saúde mental. Para o professor Constantine Sedikides, do Centro de Pesquisas sobre Identidade, a nostalgia é fonte de positividade muito importante para enfrentar os fantasmas de ontem e para viver com energia o presente. Lembrar e ter saudade seriam mecanismos liberatórios que permitem superar traumas e lembranças desagradáveis. Segundo os mesmos estudos noticiados em um artigo do jornal italiano “La Repubblica” (FICOCELLI, 2008), a nostalgia chama de volta as sensações que deixaram marcas, como emoções fortes de joia e de felicidade vividas no passado e que estimulam no nosso âmago sentimentos que nunca se foram. O artigo relata o experimento feito com um grupo de voluntários submetido ao exame de suas emoções suscitadas pela nostalgia de alguma coisa.<sup>14</sup> Os resultados apontaram para o predomínio de sensações de bem-estar, o que levaria a deduzir que o sentimento que emerge do passado pode

---

<sup>11</sup> Organização americana que reúne 60 mil pediatras, com sua sede principal no Elk Grove Village, subúrbio de Chicago.

<sup>12</sup> <[repubblica.com.it](http://repubblica.com.it)>, 19 de dezembro de 2008.

<sup>13</sup> <<http://arte-cultura-recensioni.noiblogger.com/la-nostalgia-fa-bene-alla-salute/>>

<sup>14</sup> <<http://www.tantasalute.it/articolo/nostalgia-non-e-un-male-anzi-fa-bene/4004/>>

reabsorver as experiências negativas, aliviando o fardo de tristeza e de negatividade. Assim, a nostalgia, em lugar de ser uma “doença da alma” pode servir para curar as feridas da mesma.<sup>15</sup> De acordo com esses estudiosos, o importante é não exagerar e não se deixar consumir pela ausência do tempo passado.

## A nostalgia: o espaço e o tempo

Apesar do otimismo desses estudos, ainda prevalece a ideia de que a nostalgia seja um autoengano, fruto de uma dimensão que se forma na nossa mente através da sobreposição de lembranças do passado e de desejos do presente. Na interpretação mais benévola, a nostalgia corresponderia àquilo que Prete considera até banal, isto é, que o passado tende a ser visto sempre como mais gentil e positivo, sendo, frequentemente, intensificado pela nostalgia (PRETE, 1998). Sabemos que, em todos os casos, o passado é o resultado de uma reconstrução seletiva da memória, no sentido que é um processo no qual interagem a estrutura biológica, a biografia individual e o contexto socioambiental. Já que a lembrança deste passado influencia nossas sensações do presente que, por sua vez, podem orientar nossas ações, o auto-engano coincidiria com uma consciência construída daquilo que chamamos “o real”. Poderíamos, assim, selecionar do passado a parte do real que mais nos convém (criando uma espécie de *wishful thinking*), obscurecendo as partes que podem nos causar dor, de modo que nos sintamos melhor. Conseqüentemente, a nostalgia seria a parte

---

<sup>15</sup> Segundo o psicólogo brasileiro Fabio Guida, o tempo consegue curar também as lembranças mais tristes. Ele argumenta que, no momento em que lembramos com nostalgia, o nosso cérebro ativa várias partes de nós, como as amígdalas, o tálamo e o hipotálamo, órgãos dos quais partiriam as sensações de serenidade e satisfação. O mesmo resultado encontra-se nos estudos desenvolvidos na chinesa Sun Yat-Sen University, que demonstrariam que a nostalgia seria uma boa arma para tirar as pessoas do isolamento (IDEM).

boa do autoengano, aquela que seleciona as dimensões que sentimos falta do nosso passado e cuja recordação faz ficar o nosso presente mais agradável.

Entretanto, há uma dimensão malévola do autoengano inserida na nostalgia, aquela que leva à inevitável desilusão ou frustração. Como dissemos, a nostalgia mantém uma direta ligação com a família, a comunidade e os lugares do nosso passado, portanto, é um sentimento que permite que problematizemos as dimensões fundamentais da nossa vida o tempo, o espaço e a sociabilidade. Sabemos que o objeto da nostalgia dos suíços não é simples, mas é o conjunto combinado da lembrança de seu povoado, da família, de sua gente e também da recordação do tempo da juventude desfrutado naqueles lugares.<sup>16</sup> Todavia, tempo, espaço e sociabilidade passam por constantes mudanças e mudam a cada instante. Além disso, ao passo que o espaço permite quase sempre um retorno, o tempo e a sociabilidade são irreversíveis.<sup>17</sup> Por isso, se os suíços voltassem a seus lugares de origem, poderiam se decepcionar profundamente, porque estranhariam a comunidade, a vila e a eles próprios.

O tempo ligado à nostalgia nos revela uma nova dimensão deste sentimento multiforme. Nós podemos transcorrer no tempo, mas não podemos possuí-lo, nem conservá-lo. Só podemos curar-nos de algo que nos tormenta e nos prostra através da supressão e do esquecimento. Se, ao contrário, o mantivermos vivo, temos que dar-lhe um sentido, em geral construído e comunicado através da narração de fatos. O filósofo americano Mark

---

<sup>16</sup> O filósofo alemão Immanuel Kant, na sua "Antropologia do ponto de vista pragmático", enfatiza sobretudo esse aspecto. Ver: *Scritti Morali*, a cura di Chiodi, P., Utet, Torino, 1970 (*Apud* PRETE, 1992: 66).

<sup>17</sup> Na sociologia pode-se também usar modelos interpretativos que parecem "fixar" a sociedade em suas formas ou estruturas, mas é clara a consciência da perpétua mudança da sociedade, ainda que formas e estruturas do passado deem ares de reproduzir-se.

Rowlands sustenta que a alma dos seres humanos revela-se através das histórias narradas sobre eles mesmos (ROWLANDS, 2009: 7). A memória construída nas narrações, deles próprios e dos outros, segundo o autor, torna-se aos poucos mais tênue na medida em que nossas lembranças são confiadas mais à escritura do que à transmissão oral. Se for mesmo assim, talvez a única força capaz de manter viva uma lembrança seria a dos sentimentos com esta conectados. Se a nostalgia encontra a sua fonte em sentimentos como afeto, amor, simpatia, então é uma sensação que os seres humanos podem narrar como história.<sup>18</sup> Pondo o fenômeno em um horizonte mais amplo, podemos estender as dimensões da nostalgia passando de sua relação com a família e a comunidade à relação com o meio ambiente, até podermos entrever uma nova dimensão desse sentimento. O escritor suíço Jean Starobinski <sup>19</sup> distingue a noção de nostalgia da noção de desajustamento. A primeira, nascida na Europa com o desenvolvimento das grandes cidades, enfatiza o ambiente de origem, enquanto a segunda aponta para a necessidade de inserção no novo ambiente (STAROBINSKI, 1960). Assim, a noção de nostalgia, para Starobinski, sofre um declínio devido à decadência do particularismo, do localismo e da vida provinciana, ao passo que avança a noção do desajustamento provocado pelas intensas e rápidas mudanças socioeconômicas. Starobinski conclui esta sua observação

---

<sup>18</sup> Não podemos ignorar que a nostalgia é também um sentimento que é comum ao mundo dos animais, mais visível nos que nos estão próximos. Há cachorros que se deixaram morrer depois da perda do dono, assim como é visível o estado de prostração de uma fêmea de qualquer espécie de mamífero que tenha perdido a sua cria. Se porventura pudessem nos contar, cães e gatos nos diriam que têm nostalgia da casa e do jardim dos quais nos mudamos, assim como macacos, leões, tigres e os habitantes do zoológico inteiro talvez confessem sonhar todas as noites com a floresta e a savana das quais foram roubados.

<sup>19</sup> Membro da Académie des Sciences Morales et Politiques e do Institut de France.

perguntando se uma vez banida dos manuais de clínica médica, a ciência estaria perdendo o interesse pela nostalgia (IDEM *apud* PRETE, 1992: 114-115). Temas como a socialização, o desajustamento, a anomia e o desvio social têm encontrado amplos espaços na literatura sociológica, enquanto a nostalgia, assim como previu Starobinski, foi deixada para poetas e romancistas.<sup>20</sup> Entretanto poderíamos nos perguntar se, de fato, possa existir desajustamento em um tipo de mundo que não tenha a idéia de um mundo melhor, já conhecido, narrado, ou só imaginado, em relação ao qual possa surgir uma dose de nostalgia. O filósofo russo-francês Vladimir Jankelevitch (1903-1985)<sup>21</sup> sustenta que, não obstante a nostalgia e o amor fabriquem lugares, santos e belas princesas distantes – belas justamente porque distantes –, a inquietação do nostálgico corresponde a uma consciência zelosa de alguma outra coisa: “... *consciência de um alhures, consciência de um contraste entre passado e presente, entre presente e futuro.*” (JANKELEVITCH, 1974 *apud* PRETE, 1992: 126) O problema maior, então, não é o de desejar o que não existe, mas o de desejar voltar ao que já não existe mais.

“O retorno”, a terapia prescrita antigamente, não é mais eficaz porque quase sempre apresenta uma pungente desilusão. A nostalgia não é uma simples falta que pode ser acalmada voltando ao ponto que a fomenta. Para Jankelevitch: “... *o ponto doloroso de nossa nostalgia não é o alhures daqui ou o alhures de lá, mas é o alhures de todo alhures, alhures respeito a qualquer lugar, alhures de todos os lugares*” (IDEM:

<sup>20</sup> Também o sociólogo Jon Elster (1989) considera que os sociólogos tenham concentrado sua atenção sobre temas relativos à racionalidade, deixando os sentimentos e as paixões para os artistas, letrados e poetas.

<sup>21</sup> Emigrado na França fugindo do antissemitismo, foi professor em Lyon e em outras universidades até quando, na República de Vichy, perdeu a nacionalidade francesa. Participou da Resistência e, depois da Segunda Guerra Mundial, assumiu a cátedra de Filosofia Moral na Sorbonne de 1951 a 1978. Entre muitas outras obras, em 1974, publicou: *L'Irréversible et la nostalgie*. Ver: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir\\_Jank%C3%A9levitch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Jank%C3%A9levitch)>

145). No entanto, onde estaria exatamente o ponto doloroso? No fato de não reencontrar os lugares como estes eram quando os deixamos? Na incapacidade de reviver os dias felizes de nossa juventude? Ou estaria na decepção de descobrir familiares e amigos que, como nós, estão crescidos e mudados? No espaço é possível ir e voltar, mas a irreversibilidade do tempo torna o retorno incapaz de preencher a falta exaltada pela nostalgia. A irreversibilidade temporal, escreve Jankelevitch, impede que o retorno espacial volte exatamente ao ponto de partida (IDEM: 155). Ao voltar, não encontramos mais o jovem que éramos e não reconhecemos mais o lugar natal do qual partimos. Se for assim, por que nos entregar a um sentimento que sonha com um retorno que sabemos que não poderá acontecer realmente? O fato é que, enquanto o presente é aqui, como diz Jankelevitch, o passado necessita ser reanimado e chamado de volta pelo movimento da recordação (IDEM: 159). Se o presente é doloroso, nos restam somente duas alternativas: ou sermos vítimas tristes do sentimento da nostalgia; ou agirmos no sentido de torná-la uma força transformadora do nosso doloroso real.

Como veremos, a nostalgia é um “sentir” que pode levar a um tipo de conhecimento relevante e pertinente, se este for educado, completado e até corrigido por conhecimentos científicos capazes de conduzi-lo a uma visão compreensiva da complexidade do mundo, na qual cultura e natureza são partes integrantes e interdependentes. Nesse sentido, buscaremos mostrar como o sentimento da nostalgia pode fornecer alma e força aos conhecimentos, seja da sociologia, seja da ecologia, ao mesmo tempo, que as duas ciências juntas podem oferecer instrumentos cognitivos que dão substância à crítica potencial contida na nostalgia.

## **A modernidade capitalista e a nostalgia do futuro**

Há várias décadas a análise crítica da modernidade capitalista põe em evidência a longa série de suas antinomias: a racionalidade que se tornou “racionalização”; a individualização que provocou a ruptura dos vínculos sociais, a atomização, a perda da solidariedade;<sup>22</sup> a heteronímia, a inautenticidade, o conformismo; a perda de identidade, e até mesmo a negação do indivíduo que a própria modernidade exalta. A maior ênfase dada a uma ou a outra dimensão leva a leituras diferentes do que é chamado de crise socioambiental,<sup>23</sup> seja pelo que se refere às causas que a estariam alimentando, seja com relação às possíveis vias de sua superação.

Não pretendemos discutir aqui os contrastes entre as reflexões que sustentam ser esta uma modernidade incompleta que impõe, para superar a crise, uma autorreflexão (BECK, GIDDENS e LASCH, 1999), ou se já estaríamos em uma pós-modernidade (LYOTARD, 1979), onde a sociedade vive um estado líquido (BAUMANN, 2006), ou até é reduzida a pó (APPADURAI, 2001), ou onde a história não

<sup>22</sup> O sociólogo e filósofo Georg Simmel considerava que a vida urbana moderna não era somente progresso e liberdade individual, mas também crise ligada à criação contínua de novos papéis. Sobre tudo nas metrópoles, não obstante a expansão de relações sempre mais objetivas e reificadas, as pessoas tendiam a interpretar de maneira subjetiva e pessoal as situações que tinham que enfrentar. Para o autor, estes autênticos impulsos a objetivar e a subjetivar o próprio mundo eram vividos pelas pessoas como uma ausência, produzindo a nostalgia de uma unidade perdida que, conforme Simmel, era a verdadeira “tragédia da cultura” vivida cotidianamente pelo cidadão moderno. Ver: < <http://www.filosofico.net/simmel.htm> >

<sup>23</sup> O conceito de crise, além de aludir à alternância de épocas orgânicas e épocas críticas discutida pelo filósofo francês Saint Simon em *Introduction aux travaux scientifiques Du siecle XIX* (1807), pode ser compreendido hoje de dois modos. Ou como a medicina a entende, isto é, como o ponto culminante de uma doença que poderá orientar seu curso para a melhoria ou para a morte do paciente. Ou também como a economia a interpreta, isto é, como oportunidade de rever as linhas de ação até então adotadas para avançar em campos novos ainda pouco explorados.

tem mais nenhuma direção (JAMESON, 1992). Queremos somente enfatizar um aspecto que, de maneira mais ou menos acentuada, pode ser encontrado nas diversas críticas sociológicas à modernidade capitalista: a convicção de que o futuro não pode ser imaginado e enfrentado através da ampliação e exacerbação do passado. Os próprios movimentos políticos surgidos nas últimas décadas<sup>24</sup> são apresentados como movimentos de sujeitos diferentes que apontariam para uma sociedade de “autocriação”, que tem que inventar tudo, mesmo que não saiba como, nem quem o fará (BECK, GIDDENS e LASCH, 1999). Mas é verdadeiro que se tenha que inventar tudo e que não se possa mais imaginar e enfrentar o futuro observando o passado? Com efeito, qual poderia ser a fonte de inspiração desses diversos movimentos? E, apesar dos profundos processos de reorganização da vida social, cultural e econômica, os desejos para o futuro poderiam ser guiados pelas lembranças de experiências vividas no passado mas ainda presentes? Em outras palavras, a nostalgia pode ser estímulo à capacidade de criação.

O escritor e aviador francês Saint-Exupéry<sup>25</sup> com a famosa frase a ele atribuída e adotada como *slogan* por muitos projetos educativos e livros de autoajuda, “*Se quiser construir um navio não reúna as pessoas só para tarefas e trabalho: ensine-as a almejar a infinita imensidão do mar*”,<sup>26</sup> mostra a ideia de interpretar a nostalgia como um instrumento de ação. Também o grande poeta e cientista alemão

<sup>24</sup> Rever: Movimentos pela descriminalização do aborto, pelo direito à vida, pelo direito à opção sexual, movimentos a favor da paz, da ética, do ambiente, da água limpa e pública, e também pelo espaço da rebelião.

<sup>25</sup> Antoine Jean Baptiste Marie Roger de Saint-Exupéry, autor de “*O pequeno príncipe*”, nasceu em Lyon a 29 de junho de 1900. Com uma grande paixão pela aviação, morreu precipitando com o seu avião no mar da Córsega em 31 de julho de 1944.

<sup>26</sup> A fonte da citação não é certa, mas poderia ser uma elaboração de um pensamento do autor contido em *La citadela*. Ver: <<http://www.pensieriparole.it/aforismi/successo/frase-8576>>

Goethe interpreta o sentimento da nostalgia como princípio orientador da ação neste seu aforismo: “*Não existe passado que possamos lembrar com nostalgia, somente há um mundo eternamente novo, que se forma com a ampliação dos elementos do passado e a verdadeira nostalgia deve ser sempre produtiva para criar um mundo melhor*”.<sup>27</sup> Podemos até encontrar a nostalgia, paradoxalmente projetada para o futuro, na expressiva locução do educador Paulo Freire: “*Olhar para o futuro com nostalgia*”.

Em um interessante site está aberta uma discussão sobre o significado desta frase.<sup>28</sup> Entre as várias interpretações relatadas, duas nos parecem particularmente estimulantes. A primeira, com caráter mais existencial, argumenta que a nostalgia surge da ausência de algo que amamos, por isso, quando olhamos com nostalgia o passado é como se desejásemos a sua repetição (*o nostos*). Assim, desejos e expectativas acabam sendo nossa única experiência do futuro. A segunda interpretação da frase de Freire, sobre a qual pretendemos aprofundar nossa reflexão, confere-lhe maior praticidade ao sustentar que o olhar para o futuro com nostalgia torna necessário um conhecimento mais profundo do presente. A nostalgia voltada para o futuro não brota somente de uma memória episódica que lembra simples eventos de nossa vida, mas ela se manifesta, sobretudo, nas emoções e nas ações que desta fazem parte e que nos influem a incapacidade de viver o nosso presente como o desejaríamos. Portanto, não é somente uma ilusória e patológica nostalgia aquilo que não nos permite viver com plenitude o nosso presente. São as próprias ideias de “presente” e de “real” que podem nos confundir.

---

<sup>27</sup> Citada entre outros pelo geógrafo italiano Massimo Quaini no ensaio *Il paesaggio è morto, viva il paesaggio*. Ver: <http://sites.google.com/site/cronachepietrotarallo/appunti-di-massimo-quaini/il-paesaggio> e também na serie de aforismas in: <http://www.apoftegma.it/aforismi/frasi-Nostalgia.asp>

<sup>28</sup> <<http://it.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081015054627AAt40jd>>

Neste ponto permito-me, pedindo desculpas, extrair de seu contexto alguns dos pensamentos do filósofo americano Mark Rowlands para adaptá-los à reflexão a respeito do que chamamos de nostalgia do futuro. Segundo o autor, nenhum momento é para nós completo em si mesmo: *“Cada momento é adulterado, contaminado pelo que lembramos e pelo que esperamos (ROWLANDS, 2009: 197)... o conteúdo e o significado de cada momento são diferidos e distribuídos ao longo da flecha do tempo” (IDEM: 200).*<sup>29</sup> Para Rowlands, nossos desejos e nossos projetos nos direcionam para o futuro, por isso, nós somos, como diz Martin Heidegger, *“seres-para-o-futuro” (IDEM: 189)*. Se seguirmos esta visão, a nostalgia, ao mesmo tempo, contradiz e confirma a flecha do tempo, que segue em uma única direção e não pode voltar atrás. Entretanto, nossos desejos impregnados de passado podem orientar nossas ações para o futuro.<sup>30</sup> Com efeito, o que seria o nosso futuro se não uma construção baseada em nossos objetivos e projetos? Nesse sentido, a nostalgia do futuro contém uma concepção do tempo em conjunto com o significado que damos à vida. Portanto, não é a simples saudade dos tempos passados, mas é um processo no qual as ações, os pensamentos e os sentimentos se desenvolvem na combinação de projetos com o que foi feito, o que foi vivido, como e com quem foi vivido. É com tudo isso que construímos

---

<sup>29</sup> A ideia da “flecha do tempo” foi introduzida pela termodinâmica oitocentista quando descobriu os efeitos irreversíveis da dissipação da energia nos fenômenos do atrito, da viscosidade e das perdas de calor. Depois disso, geólogos, biólogos, filósofos e poetas começaram a refletir sobre a natureza do devir. Ao passo que para a termodinâmica clássica a irreversibilidade era sempre associada à perda de energia e ao desperdício, nos anos de 1960, a partir da teoria das estruturas dissipativas nos sistemas viventes formulada pelo químico russo Ilya Prigogine, os processos irreversíveis são vistos como desenvolvendo um papel construtivo, ordenador e indispensável (Ver: CAPRA, 1998: 205-206).

<sup>30</sup> Escreve Rowlands: “Grande parte da nossa vida transcorre vivendo no passado ou no futuro”. (ROWLANDS, 2009: 209).

o significado da vida, não somente da nossa vida, mas também a vida das pessoas às quais estamos e fomos ligados, assim como dos lugares nos quais crescemos e nos sentimos felizes. Todavia, ainda Rowlands nos diz que o significado da vida não é encontrado no presente, porque este se esfuma a cada momento: “O significado da vida é algo em direção do qual podemos avançar, algo para realizar” (IDEM: 194). Se for mesmo assim, nossos desejos orientados ao futuro transformam a nostalgia em uma força crítica para a luta contra a degradação e o mal-estar da nossa vida cotidiana, como uma flecha incendiária que ilumina o futuro para nós.

A qual nostalgia queremos nos referir? Em primeiro lugar, ao sentimento doce e agradável que nos liga à imagem de um passado mais estável e mais seguro, quando confrontado com um presente confusamente perturbado, mutante e perigoso. Mas também ao sentimento inquieto que busca um futuro inspirado no crescente desejo de uma vida mais calma, de relações mais pessoais, de alimentos mais naturais, de bons e velhos sabores, de frescor e autenticidade. Uma nostalgia que encontra espaço na crítica à sociedade capitalista industrial formulada por uma série de autores, sobretudo por quem enfrenta a crise de transformação da modernidade industrial como uma verdadeira *crise de civilização*. O termo “moderno” liga inseparavelmente indústria, urbanização, mercado, acumulação do capital todos juntos formam uma simbiótica identificação com o progresso econômico e social. As mudanças que levam ao desenvolvimento das grandes cidades e à decadência do particularismo e da vida provinciana, provocados pela crescente mobilidade espacial, são as mesmas mudanças que induziram Starobinski a distinguir a noção de nostalgia, ligada a um mundo que se perdeu e que se deseja ter de volta, da noção de desajustamento, e que levam o autor a prever o progressivo declínio da

primeira face ao avanço do segundo (STAROBINSKI, 1966 *apud* PRETE, 1992).

De nossa parte, acreditamos que algo diferente possa ter acontecido: a modernidade industrial tem produzido desajustamento, mas também abriu o caminho para uma nova forma de nostalgia. O desenvolvimento do capitalismo industrial tem produzido, já desde suas primeiras fases, uma vasta literatura que critica com força esta nova formação social. É uma literatura que pode ser definida como “romântica”, porque exprime a recusa do capitalismo industrial, considerado como destruidor da humanidade e da cultura. Os motivos da recusa são diversos, seja com relação à ideia de mundo que inspirava os autores, seja no que diz respeito às propostas de mudança que os mesmos prospectavam. Michael Löwy e Robert Sayre sustentam que a natureza do romantismo pode ser entendida como uma “coincidência de opostos”, ou seja, ao mesmo tempo (ou alternativamente), revolucionário e contrarrevolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, retrógrado e utópico, revoltoso e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista, místico e sensual (LOWY e SAYRE, 1995: 9) Devido a estas múltiplas e contraditórias colorações, os dois autores propõem uma tipologia deste fenômeno cultural, político e literário, situando diversos escritores que produziram críticas ao capitalismo industrial na seguinte classificação de romantismo: restitucionista, conservador, fascista, resignado, reformador, revolucionário e/ou utópico (que contém o populista, o humanista, o literário e o marxista). Todos os escritores que podem ser incluídos nestes diferentes romantismos encontram alguma inspiração no mundo pré-capitalista. Ao passo que alguns propõem de maneira explícita o retorno a esse mundo (os restitucionistas, os conservadores e os resignados), os reformadores e revolucionários observam

o mundo pré-capitalista nas suas dimensões consideradas mais humanas, mas não pensam em um retorno e sim em uma sociedade futura. Ignoraremos aqui escritores que Löwy e Sayre consideram como parte do romantismo conservador, fascista e resignado, para considerar mais alguns exemplos de românticos que não somente exprimem sólidas críticas ao capitalismo industrial, mas cuja nostalgia do mundo pré-industrial lhes fornece perspectivas para uma sociedade futura considerada mais humana.

Um provocador exemplo é constituído pelo celebrado crítico artístico e social inglês John Ruskin (1819-1900), segundo o qual os efeitos nefastos do capitalismo industrial se difundem no ambiente humano global. A crítica ruskinia do industrialismo, segundo os autores, comporta dois grandes temas: a transformação e degradação, de um lado, do trabalho e, do outro, do meio ambiente. Para Ruskin, é um engano falar abstratamente da divisão do trabalho, já que o que é dividido não é o trabalho, mas os homens; divididos em simples porções de homens despedaçados em pequenos fragmentos ou em migalhas da vida (IDEM: 207). O que provoca angustia e inflama Ruskin, ainda mais que a cidade (para ele um deserto de feiura, sujeira e insalubridade), é a extensão tentacular da indústria sobre as periferias urbanas, outrora áreas rurais, sobre as zonas agrícolas ocupadas por ferrovias, rodovias, minas e até sobre os espaços da vida selvagem. O crítico teria expressado a sua profunda desaprovação ao ver os Alpes, lugares sagrados para ele, invadidos por turistas que os transformaram em espaços para esporte e que os emporcalham com suas imundíces (IDEM: 208).

Segundo Karl Marx e Friedrich Engels, a crítica romântica ao capitalismo liga-se fortemente à nostalgia do passado e, em muitos casos, pode assumir uma dimensão autenticamente revolucionária (MARX e ENGELS, 2010). A admiração que Marx e Engels têm por escritores como o romancista

francês Honoré de Balzac, o historiador e ensaísta escocês Thomas Carlyle, os romancistas ingleses Charles Dickens e Charlotte Brontë os leva a referir-se a eles como. “A esplêndida fraternidade atual de escritores de ficção na Inglaterra, cujas páginas eloquentes e vivas trouxeram ao mundo mais verdades sociais e políticas do que todos os políticos, publicistas e moralistas profissionais juntos” (LÖWY e SAYRE, 1955: 137). Marx e Engels refutam como uma ilusão passadista o apreço de Carlyle e Balzac pelo mundo pré-capitalista, mas apropriam-se sem hesitação de suas críticas à modernidade industrial burguesa, mesmo que estejam impregnadas de valores éticos socioculturais pré-capitalistas (IDEM, 137). A partir dos anos 1860, Marx e Engels manifestam interesse e simpatia crescentes por determinadas formas sociais pré-capitalistas, um tema característico da visão romântica da história. Estão convencidos que estas formações incorporavam qualidades sociais suprimidas pela civilização moderna e que prefiguram alguns aspectos de uma sociedade comunista futura (IDEM:139).

Segundo Löwy e Sayre, a maior parte das grandes obras de arte, desde o século XIX, representa uma revolta antiburguesa, uma contestação apaixonada “do mundo das mercadorias, da brutalidade da indústria e do comércio burguês, da desnaturação das relações humanas, do materialismo capitalista, da razão instrumental” (IDEM: 244). Desenvolve-se uma espécie de crença no retorno da “idade do ouro”, o que na linguagem comum indica uma época feliz, uma estação afortunada e não repetível.<sup>31</sup> Gyorgy Lukács, em um artigo

---

<sup>31</sup> De acordo com as lendas, nessa época, os seres humanos viviam sem necessidades de leis, nem precisavam cultivar a terra porque desta brotavam espontaneamente todo tipo de plantas e nem careciam construir navios para buscar outras terras. Não existia ódio entre indivíduos e não havia guerras que flagelavam o mundo. Era sempre primavera e nem o quente e nem o frio atormentavam as pessoas; portanto, não havia necessidade de casas ou de se proteger em grutas. Com o advento de Zeus, termina a idade do ouro e inicia a idade da prata. Ver <[http://it.wikipedia.org/wiki/Et%C3%A0\\_dell'oro](http://it.wikipedia.org/wiki/Et%C3%A0_dell'oro)>

escrito em 1943, não obstante tivesse há mais de duas décadas abandonado a perspectiva romântica do anticapitalismo, considerou que toda a obra de Dostoievski manifesta uma revolta contra a deformação moral e espiritual dos homens causada pelo capitalismo. Sendo que a este aviltamento Dostoievski opõe o sonho, a nostalgia da *idade do ouro* caracterizada pela harmonia entre os homens. Lukács vê na revolta poética e historicamente progressista de Dostoievski o surgimento de uma luz que ilumina o caminho para o futuro da humanidade (LÖWY e SAYRE, 1955: 166).

A ideia da idade do ouro do romantismo oitocentista nos remete ao pensamento do filósofo e um dos fundadores do socialismo moderno, Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon. Na sua obra de 1807, *“Introdução aos trabalhos científicos do século XIX”*, na qual sustentava que o progresso é dominado por uma lei geral que determina a sucessão de *“épocas orgânicas”* (que têm um sistema de crenças firmemente estabelecido e que se desenvolve em conformidade com este) e *“épocas críticas”*, e quando o próprio progresso faz mudar a idéia central (ABBAGNANO, 1971). A convicção de que já teria existido uma época orgânica induz os diversos românticos críticos do capitalismo industrial a pensar que a atual época de crise, época de falta de valores e modos de vida uniformes, anuncia a necessidade de uma nova época. Esta época (chamada *“orgânica”* ou *“de ouro”*) poderia ser: para os românticos conservadores ou passadistas, o pré-capitalismo; para os resignados, o misticismo; para os reformistas, o humanismo naturalista; e para os revolucionários, o comunismo.<sup>32</sup>

Também pensadores contemporâneos, identificados por Löwy e Sayre como românticos revolucionários, frente

---

<sup>32</sup> Visto que esta época parece nunca ter existido, os conceitos de *“crise”* e de *“orgânicos”*, assim utilizados, revelam um caráter pragmático, ideológico e político. Por isso, ambos os conceitos são objeto de debate e de fortes contrastes quanto à interpretação de seu conteúdo.

ao estado atual do mundo e da civilização, tendem a preservar a memória das coisas passadas, pensando que tais recordações possam tornar-se uma promessa de futuro e a fonte de utopia. A obra do filósofo marxista alemão Ernst Bloch (1885-1977) ilustraria um paradoxo que está no âmago do romantismo revolucionário: como poderia um pensamento todo orientado para um futuro utópico extrair do passado o essencial de sua inspiração? Segundo Löwy e Sayre, a dialética de Bloch representa uma solução original dessa contradição: ele não tem como referência para o seu projeto utópico as formas de vida e as condições sociais pré-modernas; mas identifica tal projeto com aquilo que para ele são os “sonhos acordados”, isto é, as ações antecipatórias e as promessas não cumpridas, muito desejadas no passado (IDEM: 279). Citando Ruskin, Bloch observa que a máquina matou a felicidade da obra do artesão total e destruiu, sem deixar vestígios, a velha perfeição, a lentidão e a dedicação dos velhos mestres. Entretanto, diz: “...espera que, em breve, uma vez superado, o aberrante desvio capitalista... a vida camponesa e o artesanato serão restabelecidos” (LÖWY e SAYRE: *op. cit.*, 283).

Também para o filósofo e sociólogo marxista francês Henri Lefebvre (1901-1991), os românticos revelam certa nostalgia pelo passado. Porém, em uma conferência proferida em 1955, polemizando com Lukács que o ataca em seu livro *La destruction de la raison*, ele parece apreciar o espírito romântico quando sustenta que: “O romantismo exprime o desacordo, a distorção, a contradição no interior do indivíduo, a contradição entre o individual e o social. Implica o desacordo entre as ideias e a prática, a consciência e a vida, as superestruturas e a base. Envolve, pelo menos virtualmente, a revolta” (LEFEBVRE, 1986: 72-73). O objetivo de Lefebvre seria, segundo Löwy e Seyre, querer superar as limitações deste romantismo antigo e lançar os fundamentos de um novo romantismo, um romantismo revolucionário orien-

tado para o futuro. Lefebvre sustenta que: *“Qualquer romantismo se baseia no desacordo, no desdobramento e dilaceramento... Mas estes desdobramentos tomam um sentido novo. A distância... em relação ao tempo atual, ao presente, ao existente, toma-se sob o signo do possível e não em referência ao passado ou à fuga.”* No primeiro capítulo da primeira versão da *Critique de la vie quotidienne*, com o sugestivo título *“Notas escritas em um domingo no campo francês”*, o autor queixa-se do desaparecimento de uma certa plenitude humana presente na antiga comunidade rural, observando que: *“... contra os teóricos ingênuos do progresso contínuo e completo, deve-se em particular mostrar a decadência que, desde a comunidade antiga, tem vindo a minar a vida cotidiana e a crescente alienação do homem”* (LÖWY e SAYRE, *op. cit.*: 246).

Alguns temas do romantismo e certas formas de nostalgia exercem influências sobre os novos movimentos sociais, com extensão ao imaginário social difuso, devido às dimensões devastadoras do tecido social e do ambiente natural atribuídas à civilização industrial-capitalista. Löwy e Sayre, entre os movimentos sociais juvenis e estudantis iniciados nos anos 1960, enfatizam a presença marcante do ecologismo, do pacifismo, do feminismo e, particularmente no Brasil, da teologia da libertação (IDEM: 253). Entre todos estes, eles consideram que o ecologismo seja o movimento que leva a crítica romântica da modernidade industrial a seu maior alcance, através do questionamento do progresso econômico e tecnológico, e de sua aspiração de restauração da harmonia perdida entre o homem e a natureza. Não obstante Löwy e Sayre considerem esta nostalgia um tipo de passadismo próprio das correntes ecológicas fundamentalistas, eles trazem uma interessante citação, atribuída (sem indicações) ao físico francês e histórico da ecologia Jean-Paul Deléage, segundo a qual a profecia ecológica *“...refere-se quase sempre a uma idade de ouro rural, imaginada como uma sociedade de livre co-*

*mércio com a natureza, cujas dimensões humanas são aprazíveis para quem sonha com uma comunidade de iguais, autônoma e convival”* (IDEM: 254). É nessa perspectiva que a maioria dos integrantes dos movimentos verdes questionam o produtivismo quantitativo (capitalista ou burocrático) e denunciam as catastróficas consequências ecológicas do progresso industrial.

Não poderiam ser justamente estes desejos e recordações as flechas incendiárias de um tempo que, de acordo com Rowlands, podem iluminar o futuro ainda obscuro? Nós acreditamos que seja assim. Mas também estamos convencidos de que desejos e recordações não sejam suficientes para conferir positividade ativa à nostalgia orientada para o futuro. Mesmo que seja importante e propositivo, este sentimento não tem força suficiente para produzir as mudanças desejadas.<sup>33</sup> Assim como para a nostalgia dos mercenários suíços o retorno à sua casa não teria sido suficiente para curar sua prostração, o mesmo pode ocorrer para a nostalgia de uma natureza que conhecemos antes de sua deturpação. Quando a reencontramos e retomamos contato não a reconhecemos mais, porque nós mudamos e ela mesma mudou. Por isso, necessitamos de um apoio que nos permita conferir uma substância real aos nossos desejos e sentimentos originados nas experiências passadas e que são chamados de volta ao presente pela crise socioambiental.

## Nostalgia educada pela ecologia

A perspectiva crítica do romantismo anticapitalista industrial há dois séculos vê esta sociedade como uma

---

<sup>33</sup> Na política, existe o perigo de que a nostalgia se insinue somente como uma mascarada ideologia reacionária hostil à vida. Ver: <[http://www.ejpd.admin.ch/ejpd/it/home/dokumentation/red/archiv/reden\\_christoph\\_blocher/2006/2006-07-10.html](http://www.ejpd.admin.ch/ejpd/it/home/dokumentation/red/archiv/reden_christoph_blocher/2006/2006-07-10.html)>

força regressiva e anti-humana, fornecendo teorias e argumentos a diversos movimentos sociais e políticos que têm prospectado uma sociedade mais humana e solidária. Nas últimas três décadas, este romantismo parece potencializar suas forças intelectuais e políticas somente quando é completado por uma crítica aos processos de destruição da natureza, dos espaços e dos meios de vida humana. Nesse sentido, as ciências políticas e sociais são levadas a buscar apoio em uma ciência da natureza relativamente nova, cujo nome, “ecologia”, como a nostalgia, deriva de duas palavras gregas, *oikos* e *logos*, o pensamento que rege a casa e a vida doméstica.<sup>34</sup> Hoje o termo transcende a esta ciência específica e é utilizado em diversas disciplinas, também das áreas humanas, assumindo a conotação geral de um pensamento que se propõe a tutela da natureza. A ecologia e a nostalgia acabam se encontrando quase espontaneamente, alimentando-se reciprocamente, fortalecendo-se mutuamente, até se projetar para o futuro. Além disso, a nostalgia combina com a ecologia porque também é sempre tópica, sempre ligada a um lugar que a mantém viva e que a nutre.

A ecologia não é mais apenas o setor da biologia que estuda a relação entre os organismos e o seu ambiente através da abordagem sistêmica. Busca também a convivência do social e do econômico com os sistemas da natureza, correspondendo a uma orientação mais racional e controlada no consumo, na gestão da energia e na qualidade do meio ambiente. Praticamente corresponde a uma

---

<sup>34</sup> A ecologia, nascida na metade do século XIX, apareceu tarde relativamente às outras ciências naturais, devido substancialmente a duas razões: no plano do pensamento, havia a necessidade de uma verdadeira revolução nos paradigmas das ciências naturais e, particularmente, das ciências da vida. No plano histórico-social, foi necessário o desenvolvimento da sociedade industrial, com a euforia do domínio sobre a natureza, e as problemáticas consequências da expansão industrial. Foi o biólogo alemão Ernst Haeckel quem criou tanto o termo quanto a disciplina, em seu estudo *Morfologia geral dos organismos*, publicado em 1866 (DELEAGE, 1991).

nova ideia de progresso. Estes significados ao que parece, já se estabeleceram no nível do sentido comum. Entretanto, para o sociólogo Agostino Petrillo,<sup>35</sup> o significado da ecologia vai além disso, sendo: “... hoje, o nome de uma nostalgia e de uma ânsia... A explosão da ecologia como uma nebulosa, no sentido ecologista, que penetra nos mais diversos âmbitos da vida, corresponde à difusão de medos bem fundamentados?”.<sup>36</sup> Para Petrillo, os termos ecologia e nostalgia parecem mesmo se confundir. São conceitos que não somente identificam uma direção, mas também uma contração: o primeiro aponta para uma transformação das consciências, ao passo que o segundo revela um modelo de desenvolvimento bloqueado, que se baseia na destruição sistemática da própria natureza (IDEM).

A consciência da crise social e ambiental ligada ao capitalismo industrial leva ao reconhecimento de que as lembranças podem se transformar em uma ativa nostalgia do futuro. Os que reconhecem a intensificação da crise podem ver nela, como diz o sociólogo e historiador americano Richard Sennet, uma crise pandórica, isto é, um fenômeno causado pelo homem.<sup>37</sup> Por isso, o autor observa que pode nascer em muitos de nós um desejo: “... o desejo de voltar a um modo de viver mais antigo ou de imaginar um futuro no qual se habite a natureza de maneira mais simples” (IDEM: 13). Se é verdade que este é um desejo que poderia surgir em qualquer um face à destrutibilidade moderna, e se este sentimento é sempre mais difuso, então tem que ser educado a fim de que não se torne uma estéril afli-

---

<sup>35</sup> Sociólogo urbano do Departamento de Arquitetura e Planificação do Politécnico de Milão.

<sup>36</sup> Agostino Petrillo : <[http://www.archphoto.it/2008/01/23/ecologia\\_glossario/](http://www.archphoto.it/2008/01/23/ecologia_glossario/)>

<sup>37</sup> Sennet assim escreve: “Os que fabricam coisas, habitualmente não entendem o que fazem... A invenção de objetos que podem levar o mundo à autodestruição tem origem no mito grego de Pandora, deusa da invenção... Hesíodo, em “Obras e dias”, define Pandora o dom amargo... a desgraça dos homens laboriosos.” (SENNET, 2008).

ção, alimentada pela sensação de impotência. Se não for cultivado, como diz Petrillo, também a ecologia, embora invocada por muitos, correria o risco de: "... *reduzir-se a ser a mera ciência dos equilíbrios perdidos, a álgida descrição do fim do mundo em miniatura*",<sup>38</sup> abrindo as portas a uma melancolia que inibe a ação em vez de promovê-la. Para que isso não aconteça, é necessário educar a nossa nostalgia com os conhecimentos e, sobretudo, com a visão da ecologia que, diversamente das ciências que sempre adotaram como instrumento de observação prática e teórica o microscópio, observa o mesmo mundo adotando um imaginário macroscópico (DELEAGE, 1991).

É na perspectiva sistêmica da ecologia que buscaremos encontrar o caminho para compreender a crise a partir da qual, na sociedade capitalista industrial, se forma a nostalgia por uma "vida de outrora", mais calma e contemplativa, mais solidária, inspirada mais na qualidade do que na quantidade, fundada mais na interdependência do que na competição.

As valiosas contribuições dos biólogos Maturana e Varela não se limitam à sua disciplina. O conceito de *autopoiese* por eles criado não permaneceu limitado aos organismos, mas é hoje muito usado também nas ciências sociais e econômicas, porque é associado ao processo do "conhecer". Para os dois autores, o conhecimento é um processo próprio de todos os organismos vivos, ou seja, o viver é um processo de cognição. Seres vivos conhecem o mundo através do processo de *codificação*,<sup>39</sup> sendo que os códigos com os quais o sistema organismo se relaciona

---

<sup>38</sup> Agostino Petrillo, Ver: <[http://www.archphoto.it/2008/01/23/ecologia\\_glossario/](http://www.archphoto.it/2008/01/23/ecologia_glossario/)>

<sup>39</sup> No mundo animal, por exemplo, cada espécie tem que ser capaz de selecionar os alimentos apropriados ao seu organismo, sob pena de uma desorganização que pode levar à sua extinção (MATURANA e VARELA, 1987). Lembramos o caso daquela deformação chamada "vaca louca", supostamente provocada pela subministração de rações de origem animal a herbívoros mantidos em condição de não poder escolher o seu alimento.

com o mundo não são arbitrários e não mudam a cada novo contato com o ambiente. O sistema não recomeça de novo a cada vez, mas insere as novas experiências nos resultados das experiências anteriores. Para os autores, é muito importante ter presente que: a) o organismo e o ambiente são entidades autônomas e inter-relacionadas; b) a capacidade dos organismos de se confrontar com o ambiente depende de operações internas ao próprio organismo, isto é, o organismo reage às perturbações que lhe são causadas pelo ambiente através de meios exclusivamente próprios.<sup>40</sup> No caso dos seres humanos, os códigos de interpretação e os meios de adaptação ao ambiente vão além do próprio corpo, e também ultrapassam o indivíduo. A base dos códigos é necessariamente biológica, mas estes são reelaborados culturalmente e os meios para reagir às perturbações do ambiente são em grande parte exossomáticos, externos ao próprio corpo, e são construídos pelo homem graças à organização social da qual faz parte.<sup>41</sup> Assim, as reações dos indivíduos humanos às perturbações provenientes do ambiente são determinadas, não pelas características do agente perturbador, e sim pela sua estrutura ao mesmo tempo individual, social, cultural e histórica. Quer dizer que a reação que levará à adaptação ou à extinção passará, no caso dos humanos, por um processo de interpretação.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Por exemplo, em face de uma forte alteração da temperatura externa (demasiado quente ou frio) o organismo ou encontra em si a capacidade de reagir, ou sucumbirá. Esta capacidade corresponde à condição de adaptabilidade do sistema ao ambiente, chamada pelos ecólogos de “resiliência”.

<sup>41</sup> Isto faz com que a história dos seres humanos e das suas sociedades possam também ser lidas de acordo com as formas por eles elaboradas para se adaptar ao ambiente e para se proteger das perturbações naturais e climáticas (BUTERA, 2007).

<sup>42</sup> Por isso, por exemplo, o aquecimento global para alguns não merece atenção, porque é interpretado como “natural”, ao passo que por outros é interpretado como uma ameaça que deve ser inibida porque é causado pelas atividades humanas.

Maturana e Varela enfatizam a importância de outra característica das dinâmicas biológicas, que chamam “*acoplamento estrutural*”. O conceito indica a interdependência que se cria entre a organização do sistema-organismo e o ambiente externo, no sentido de que as mudanças do organismo têm que seguir as mudanças do ambiente e este, por sua vez, responderá às mudanças do organismo.<sup>43</sup> De acordo com o acoplamento estrutural, portanto, o organismo e seu ambiente agem como perturbadores recíprocos, provocando mutações contínuas em seus estados.<sup>44</sup> Os códigos que permitem trocas vitais entre o organismo e o ambiente são considerados por Maturana e Varela os fundamentais instrumentos do “conhecer”, isto é, da ação efetiva que permite ao organismo continuar a sua existência em um determinado ambiente. Por isso, no mundo da natureza o conhecer não é a representação de um mundo, mas é uma permanente produção de um mundo através do processo de viver. O mundo que nós vemos não é “o mundo”, mas é um mundo que construímos juntamente com os outros, todos os outros seres vivos. Os autores concluem que para nós, os humanos, que temos a faculdade de compreender este processo, torna-se obrigatório procurar o “conhecimento do conhecimento”, ou seja, o conhecer como conhecemos, para fazer frente à constante tentação de ter alcançado aquela má conselheira de nossas ações que é a certeza.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> O exemplo mais geral de acoplamento estrutural é a discutida hipótese de Gaia, do estudioso inglês James Lovelock (1979), na qual é descrito o complexo processo de *coevolução* entre os organismos e a Terra, de maneira que a esta mesma é reconhecido o *status* de “superorganismo”.

<sup>44</sup> Por isso, observam os autores, quando examinamos as mudanças de um organismo em uma interação específica, temos o acesso à estrutura seja do organismo seja do ambiente. Lembramos como Emile Durkheim e outros sociólogos contemporâneos, como Edgar Morin, afirmam que as partes estão no todo e o todo está nas partes.

<sup>45</sup> Certeza é a segurança de que os processos resultantes de nossas observações correspondem ao “real”. Questionar a “certeza”, porém, não quer

Por que os autores chamam a este sentimento de “obrigação”? Porque ao saber que sabemos não podemos negar que sabemos e isto nos leva a uma ética inevitável, nos cria um compromisso, nos obriga a agir.<sup>46</sup> A conclusão de Maturana e Varela é que no centro das dificuldades do homem atual está o seu desconhecimento do conhecer, e, poderíamos acrescentar, uma considerável incapacidade maiêutica. Fugir da tentação da certeza significa ter consciência de que o conhecimento procede de formas específicas de seleção dos aspectos do real considerados relevantes para a obtenção de certos objetivos. Quer dizer, é preciso continuar a perguntar, mesmo após ter alcançado o que nos propúnhamos. Não é fácil manter sempre esta postura mental, porque toda forma de conhecimento é sempre autorreferido, no sentido de que este mesmo determina os critérios pelos quais suas análises são corretas. Assim, aparentemente acabamos sempre por encontrar somente aquilo que buscávamos.<sup>47</sup> Por isso, Maturana e Varela consideram que, se quisermos compreender o mundo, não bastará observá-lo, mas é necessário observar o próprio observador.

O problema é que, porquanto seja possível, através da abordagem sistêmica, estabelecer similitudes entre o siste-

---

dizer negar que os fenômenos são plenamente determinados, mas somente que nossos conhecimentos ainda não nos permitem identificar todos os processos causais dos sistemas complexos.

46 Para ilustrar este pensamento, os autores explicam que “conhecimento do conhecimento”, por exemplo, não é saber que uma bomba mata (esta é somente uma informação), mas é saber o que queremos fazer com esta bomba. Também, explicado de outra maneira, pelo biólogo inglês Thomas Henry Huxley (1825-1895), valente defensor da teoria da evolução de Darwin: “A experiência não é o que ocorre a um homem. É o que o homem faz com aquilo que lhe ocorre” (<http://eluria.altervista.org/h.htm>).

47 Isto vale também para as ciências que, como a física, durante séculos têm tido a prerrogativa da certeza. O físico alemão Werner Heisenberg sustenta que a física quântica tem mostrado que não é verdade que os conceitos teóricos do físico são deduzidos dos dados experimentais, mas que se chega a estes através de meios especulativos e postulados teóricos (HEISENBERG, 1961). Assim, em geral se encontra somente o que se buscava.

ma sociedade e o sistema natureza, não podemos esquecer que estes são diferentes entre si. É bem verdade que os problemas ambientais repercutem no nível subjetivo e social em termos de ressonância; que são interpretados em sua gravidade e urgência de maneira diferente de acordo com os diversos grupos sociais; e que, portanto, a estes problemas seguirão diversas ações da sociedade como respostas. Contudo, os ecólogos nos alertam para o fato de que existe também um sentido inverso, no qual as perturbações que o sistema sociedade provoca no sistema natureza induzem este a dar respostas sobre as quais a sociedade não pode de forma alguma influir, a não ser ajustando as suas próprias ações.

O fato importante é que as ações da sociedade, para serem efetivas na solução dos problemas ambientais, devem ser orientadas não só pela percepção social dos mesmos, nem somente pela nostalgia do estado social e ambiental anterior às mudanças e à degradação. A orientação dessas ações terá que ser completada pelo conhecimento dos mecanismos de funcionamento dos ecossistemas da natureza em toda sua complexidade. Mais do que isso, além de estarmos conscientes do fato de que tal funcionamento é independente das maneiras em que os fenômenos naturais são percebidos e pensados, temos que reconhecer que nossos conhecimentos da natureza em termos da sua complexidade sistêmica são ainda muito pobres e incapazes de prever as consequências das nossas ações sobre a mesma, sobretudo porque as ciências persistem em seguir a sua tradicional perspectiva setorial, reducionista e submetida à lógica econômica.

## **Observações conclusivas**

Os que reconhecem os riscos das ações que agridem o ambiente e a natureza compreendem os efeitos de seus

próprios comportamentos e conhecem também as disposições a serem tomadas para responder aos problemas colocados por esta crise ambiental e social.<sup>48</sup> Entretanto, eles se sentem sós e impotentes diante do perpetuar de ações que ignoram as regras mais elementares de convivência com a natureza. Isto os leva a imaginar qual poderá ser o seu futuro. Propagam-se então sentimentos de insatisfação e insegurança e, com estes, uma duplicidade de reações. De um lado, em nome de compromissos intransferíveis e vitais, as pessoas são induzidas (quase obrigadas) a ações cujo princípio de precaução e a própria ciência aconselhariam a evitar.<sup>49</sup> Do outro, a incerteza e a ubiquidade dos riscos, oficialmente reconhecidos ou socialmente percebidos (BECK, 1992), trazem para elas o medo primordial de ameaçadoras forças sociais e naturais incontroláveis que, em muitos casos, buscam atenuar no fatalismo ou na crença em entidades transcendentais protetoras.

As incessantes mudanças, velozes e profundas, da sociedade moderna, às quais estamos obrigados a reagir e a nos adequar, fazem surgir como natural um sentimento de perda de algo que tivemos, criam a nostalgia das coisas que nos faziam sentir bem e que agora parecem perdidas. Perante isso, se desenvolvem atitudes diferen-

<sup>48</sup> De acordo com a sondagem realizada em 2008 pela Lorien Consulting e divulgada pelo jornal *La Nuova Ecologia* da ONG italiana Legambiente, pode-se deduzir que a maioria conhece a gravidade da crise ambiental e sabe quais devem ser os comportamentos mais apropriados das pessoas, mas tem dificuldade em modificar o seu modo de viver e traduzir em práticas efetivas este conhecimento e os bons propósitos a este correlativos. Ver: <<http://www.lorienconsulting.it/it/library/ECobarometro%3A-Approfondimento-su-Consumi-biologici-e-mobilit%C3%A0%2C-i-comportamenti-degli-italiani.xhtml>>

<sup>49</sup> Podemos pensar, por exemplo, as reações de muitos passageiros que, logo após a erupção do vulcão islandês Eyjafjallayokull em abril de 2010, queriam que os aviões voltassem de qualquer maneira a voar, mesmo sabendo que as nuvens de cinza lançadas no ar poderiam causar seriíssimos desastres. Tal atitude, antes de ser insensata, revela a persistência do sentimento paleo-moderno de superioridade humana em relação à natureza.

tes, nos extremos opostos das quais podemos ver dois tipos de respostas. De um lado, esta nostalgia é sufocada argumentando-se de que não vale a pena continuar desejando aquilo que não podemos mais ter de volta, dado que o tempo, o social e a natureza são irreversíveis. Por isso, temos que esquecer, tomar consciência de como “o real” é, deixar de sonhar e de nos iludir, e seguir em frente segundo as novas regras que a sociedade nos impõe. Tal atitude para alguns é a correta tomada de posição de um espírito que, por ser racional e sadio, tem que lutar contra a nostalgia, considerada o sentimento que leva ao desligamento do presente, ao desajustamento, ao desgaste da alma e do corpo, justamente como ocorria aos mercenários suíços. Para esquivarmos do sentimento da nostalgia, somos empurrados para a busca obsessiva de contínuas novidades (materiais e relacionais) para consumir e descartar. Parafraseando o psicólogo americano James Hillman, poderíamos dizer que estamos nos tornando tóxico-dependentes em novidades, que estamos esvaziando a nossa identidade e perdendo o sentido do nosso cotidiano (HILLMAN, 2000).

Todavia, observado criticamente, este “ser realista” parece um ato de renúncia e a expressão de um conformismo que, ao contrário de atenuar o sentimento de perda, realimenta o próprio processo degenerativo que o produz. Com efeito, este mundo dito “real”, em vez de nos proporcionar corpo e estabilidade, comprime as dimensões da nossa vida, descartando também a fácil escapatória do “retorno”, assim como parecia ser a cura para os mercenários suíços. Portanto, o que deve ser questionado é justamente a exaltação do valor do chamado “real”, uma apologia que parece ignorar que a nossa experiência, vivida ou teórica, nunca consegue apreender toda a realidade, mas somente uma parte dela. Assim como a biologia não esgota o nosso ser, mas simplesmente descreve o nosso organismo, para compreender a complexidade humana feita de matéria,

espírito, cultura e história, nós necessitamos de um horizonte mais vasto do que banalmente chamamos de “o real”. Nós somos seres naturais muito especiais porque capazes de compreender o mundo no qual vivemos e contribuímos a produzir. A consciência de como somos e de como a natureza vive a sua história nos leva a poder rever o nosso próprio comportamento, orientando-nos para um agir ético de compreensão e respeito por nós mesmos e por todos os seres vivos.

Uma penetrante reflexão sobre o conhecimento, a ética e a capacidade de interrogar o nosso mundo (sociedade e natureza juntos) para conseguir conhecê-lo (um aprofundamento de nossa capacidade maiêutica) é conduzida pelo sociólogo francês Edgar Morin no seu famoso ensaio *Os sete saberes necessários à educação do futuro*.<sup>50</sup> O autor inicia pelo “conhecimento”, o que é tornado cego pelos erros e as ilusões decorrentes do fato de ser sempre uma tradução seguida de uma reconstrução. Dado que a percepção corresponde sempre a uma seleção, em princípio não existe muita diferença entre uma percepção e uma alucinação. Por isso, cometemos muitos erros, e deles o maior é o de pensar que a ideia é o real. Consequentemente, temos que buscar o “conhecimento pertinente”, que é adequado ao contexto, que não mutila o sujeito, reduzindo a sua complexidade a alguma de suas partes. Temos que alcançar uma visão de conjunto da “condição humana”, resultante de sua específica natureza compósita, ao mesmo tempo física, biológica, psíquica, cultural e histórica. Através desta visão de conjunto poderemos compreender os outros. A “compreensão” humana não é somente a capacidade de explicar, mas comporta também a empatia e a identificação, a com-

---

<sup>50</sup> Os sete saberes que, segundo Morin, temos que nos comprometer em ensinar são: 1. O conhecimento; 2. O conhecimento pertinente; 3. A condição humana; 4. A compreensão; 5. A identidade planetária; 6. A incerteza; 7. A antropo-ética, a ética do genro humano (MORIN, 2000).

preensão da emoção e da dor. Com efeito, a vida humana não é apreendida somente pela ciência, mas também pela literatura e pela poesia, as quais têm a vantagem de refletir sobre a enorme quantidade de sentimentos e dos sonhos que são parte da identidade das pessoas. Todavia, nossa identidade deve ser "*planetária*", temos que nos ver como parte do cosmo como indivíduos de uma das espécies vivas do planeta e, ao mesmo tempo, como fragmentos da sociedade à qual pertencemos. Se permanecermos na visão unilateral do outro, isto é, na atitude de desperceber, perderemos a possibilidade de compreender o vínculo entre os seres humanos. A complexidade nos acostuma a duvidar da certeza, a reconhecer e apreender a "*incerteza*", dado que as consequências imprevistas de nossas ações já não são mais completamente desconhecidas, se bem que muitas vezes fingimos ignorá-las. A ameaça nuclear e a perigosa degradação da vida no planeta colocam a necessidade de nos sentirmos parte da condição planetária, de nos vermos incluídos em um destino comum com todos os seres da Terra. Nesse sentido, o nosso ser indivíduo, o ser membro de uma sociedade e parte de uma espécie biológica "*consciente*", tem que nos levar a uma "*antropo-ética*", isto é, a uma ética capaz de exprimir a síntese entre a autonomia pessoal (as responsabilidades pessoais) e a participação social (as responsabilidades sociais).

Alcançar estes "sete saberes" é, com certeza, um processo muito difícil, porque questiona o estado social e político que submete a natureza aos poderes fortes da economia, do lucro e da especulação. Entretanto, colocar em campo esta nova visão significa estabelecer a centralidade da dimensão cultural. Quer dizer, situar no primeiro plano a necessidade de adotar modelos de vida diferentes dos que o predominante automatismo do crescimento econômico nos propõe e impõe. Isto é, significa pôr em prática modelos de consumo e de produção mais sóbrios, mais respeitosos da dig-

nidade das pessoas, da saúde do ambiente e da natureza. Todas as nossas ciências e as suas técnicas podem ajudar, mas não são suficientes para realizar esta profunda transformação cultural. São necessárias visões de futuro capazes de fornecer à ciência e à tecnologia diretrizes válidas, que encontrem inspiração e concretude em experiências vividas em modos diferentes de vida e de bem-estar.

De nossa parte, consideramos que o desconforto, a incerteza e a indignação causados pela crescente degradação das relações sociais, da qualidade de vida, do meio ambiente e da natureza, sejam expressão de sentimentos em grande parte despertados pela nostalgia de experiências vividas, transmitidas ou imaginadas, nas quais a vida humana e a natureza não se relacionavam de maneira tão ferozmente competitiva. A nostalgia é um sentimento semelhante ao amor e, talvez, convizinho do pensamento utópico, um pensamento que não tem significado prático imediato. Contudo, podemos também dizer que é um sentimento “pertinente”, isto é, que é capaz de situar-se no contexto. Se pensarmos nas inúmeras experiências em ato, encarnadas nas populações indígenas, camponesas, ribeirinhas, pescadoras, quilombolas e de tantas outras que lutam para resistir à trituração social e ambiental levada a frente pela sociedade capitalista industrial, e se também observarmos a crescente rebelião contra o “pensamento único” que busca encerrar todo o mundo em um eterno presente,<sup>51</sup> vemos que é possível viver de modo diferente, com um simultâneo e paradoxal olhar para o passado e o futuro.

<sup>51</sup> Não há somente as propostas dos diversos movimentos ambientalistas, preocupados com a conservação da natureza; também existem específicas experiências que tendem a difundir-se, tais como o neo-ruralismo, a agroecologia, a associação do *Slow-food*, assim como muitas outras associações que defendem determinados produtos alimentares, organizações comerciais heterodoxas, os mercados quilômetros-zero, os mercados équo e solidários, etc. No nível do trabalho, há pesquisas que mostram que no níveis médio-baixos, os trabalhadores aspiram a um maior ganho, mas nos níveis médio-altos aspiram a um trabalho que lhes dê satisfação e um bom relacionamento com os colegas.

Estas experiências concretas estão se constituindo como partes diversas de uma mesma história, que se configura como uma “nostalgia pertinente”. De fato, a alma dos seres humanos (da qual a nostalgia por um tempo foi julgada a “doença”) não somente é mais que a soma de mente e cérebro, mas, como diz Rowlands, “...*revela-se nas histórias que narram a si mesmos.*” (ROWLANDS, 2009: 7) Como todos nós pensamos em termos de histórias, a nostalgia, mais que uma doença ou uma ilusão, pertence à reconstrução das percepções que sempre são narradas em três contextos: o desconforto do presente, a benéfica lembrança do passado, a vontade de um futuro melhor. A nostalgia, negando as privações que o presente representa, pode permanecer um sentimento que nos mortifica, agravado pela sensação de que nunca lograremos voltar, mas também pode se fixar junto ao passado escolhido seletivamente para nos ajudar a vislumbrar o novo e para conferir substância aos nossos propósitos de transformação desta sociedade. Pode assim assumir a forma da “nostalgia do futuro”, isto é, da nostalgia de um mundo que já é presente, mesmo que ainda esteja distante.

## **Referências bibliográficas**

- ABBAGNANO, Nicola. *Dizionario di Filosofia*. Turim: Unione Tipografico-Editrice, 1971.
- APPADURAI, Arjun. *Modernità in polvere*. Roma: Meltemi Editore, 2001.
- ARMIERO, Marco e BARCA, Stefania, *Storia dell'ambiente*. Roma: Carrocci, 2001.
- BECK, Ulrich. *Risk Society: towards a new modernity*. Londres: Sage Pub, 1992.
- BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernizzazione riflessiva*. Trieste: Asterios, 1999.
- BROSWIMMER, Franz J. *Ecocidio. Come e perché l'uomo sta distruggendo la natura*. (Ed. original: *Ecocide: A Short History of the Mass*

- Extinction of the Species*, Pluto Press, Londres, 2002). Roma: Ed. Carocci, 2003.
- BUTERA, Federico M. *Dalla caverna alla casa ecologica. Storia del confort e dell'energia*. Milão: Edizioni Ambiente, 2007.
- CAPRA, Fritjof. *La rete della vita. Una nuova visione della natura e della scienza*, Milão: Sansoni, 1997.
- DAVIS, Mike. *Olocausti tardovittoriani. El Niño, le carestie e la nascita del Terzo Mondo*. Milão: Ed. Feltrinelli, 2002.
- DELÉAGE, Jean-Paul. *Histoire de l'Écologie*. Paris: La Découverte, 1991.
- EHRENFELD, David. *The Arrogance of Humanism*. Nova York: Oxford University Press, 1978-1981.
- ELSTER, Jon. *Nuts and Bolts for the Social Sciences*. Cambridge, 1989.
- FICOCELLI, Sara. *La nostalgia non è un male ha un potere terapeutico "La Repubblica"* (19-12-2008) <<http://www.repubblica.it/2008/12/sezioni/scienze/studio-nostalgia/studio-nostalgia/studio-nostalgia.html>>
- FISCHLER, Claude. *L'Homnivore: le goût, la cuisine et le corps*, Paris: Odile Jacob, 1993.
- GALLINO, Luciano. *Finazcapitalismo. La civiltà del denaro in crisi*. Turim: Passaggi Einaudi, 2011.
- GIDDENS, Antony. *Le conseguenze della modernità*. Bologna Il Mulino, 1994.
- GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. *The Entropy Law and the Economic Process*, Cambridge: Harvard University Press, 1971.
- GIULIANI, Gian Mario. *Sociologia e ecologia: um diálogo reconstruído*, *Dados*, Rio de Janeiro, v. 41, junho/1998, pp. 147-172.
- HEISEMBERG, Werner. *Física e Filosofia*. Milão: Il Saggiatore, 1961.
- HILLMAN, James. *La forza del carattere*. Milão: Ed. Adelphi, 2000.
- IRTI, Natalino. *Corriere della Sera*, settembre de 2007.
- JAMESON, F. *Postmodernism or the Cultural Logic of the Late Capitalism*, 1992.
- JANKELEVITCH, Vladimir. *"L'irréversible la nostalgie*. Flammarion, Paris 1974. Tradução Italiana di Alessandro Serra, *La nostalgia*, in: PRETE, Antonio (A cura di). *Nostalgia. Storia di un sentimento*, Milão: Ed. Raffaello Cortina, 1992.
- LATOUCHE, Serge. *Pour sortir de la société de consommation: Voix et voies e la décroissance*. Liens que libèrent (Les), 2010.

- LOVELOCK, James, *Gaia: A New Look at Life on Earth*. Oxford University Press, 1979.
- LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. São Paulo: Paz e Terra, 1993. (traduzione dagli originali in francese: "Figures du romantisme anti-capitaliste", *L'Homme et la Société*, Paris, pp. 69-70 e 73-74, 1984).
- \_\_\_\_\_. *Revolta e melancolia*. O romantismo na contramão da modernidade, Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Comunicazione ecologica*, Franco Angeli, Milão, 1989.
- LYOTARD, J. F. *La condizione postmoderna*, 1979; IRTI, Natalino, *Corriere della Sera*, setembro de 2007. <[http://archiviostorico.corriere.it/2007/settembre/18/Mal\\_Metropoli\\_Piccole\\_Patrie\\_co\\_9\\_070918028.shtml](http://archiviostorico.corriere.it/2007/settembre/18/Mal_Metropoli_Piccole_Patrie_co_9_070918028.shtml)>.
- MASON DIAMOND, Jared. *Collapse: How Societies Choose to Fail or Succeed*. Londres: Penguin Books, 2006.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010.
- MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *El árbol del conocimiento*. Behanck, 1984.
- MORIN, Edgar. *La Methode. I. La Nature de la Nature*. Paris : Ed. du Seuil, 1977. Milão: Ed. Feltrinelli, 1994.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, São Paulo: Cortez Ed. UNESCO, 2000.
- NAESS, Earn. *The shallow and the deep, long-range Ecology*, *Inquiry*, 16, 1972.
- PRETE, Antonio (coord.), *Nostalgia. Storia di un sentimento*, Milão: Ed. Raffaello Cortina, 1992.
- PRETE Antonio. *Dialogo con gli studenti sulla nostalgia*. Tratto da: Il Grillo disponibile nel sito em 25/11/1998: <<http://www.emsf.rai.it/grillo/trasmissioni.asp?d=142>>
- ROWLANDS, Mark. *Il lupo e il filosofo: lezioni dalla vita selvaggia*. Milão: Mondadori, 2009.
- SCHWEITZER Albert. *Verfall und Wiederaufbau der Kultur, in Id., Kulturphilosophie*, Beck, München, 1923. Traduzione italiana: *Agonia della civiltà*. Milão: Edizioni di Comunità, 1963.

- SENNET, Richard. *L'uomo artigiano*. Milano: Feltrinelli, 2008. (The Craftsman, Yale University, New Haven e Londres, 2008)
- STAROBINSKI, Jean. *Il concetto di nostalgia, Diogène, Revue Internationale des Sciences Humaines, abr./jun.* 1966, Paris: Gallimard (traduzione di Alessandro Serra). In: PRETE, Antonio (A cura di), *Nostalgia. Storia di un sentimento*, Milão: Ed. Raffaello Cortina, 1992.
- WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1944.

### **Sites da Internet**

- <<http://it.wikiquote.org/wiki/Nostalgia>>
- <[http://www.ejpd.admin.ch/ejpd/it/home/dokumentation/red/archiv/reden\\_christoph\\_blocher/2006/2006-07-10.html](http://www.ejpd.admin.ch/ejpd/it/home/dokumentation/red/archiv/reden_christoph_blocher/2006/2006-07-10.html)>
- <[http://wwf.panda.org/about\\_our\\_earth/all\\_publications/living\\_planet\\_report/](http://wwf.panda.org/about_our_earth/all_publications/living_planet_report/)>
- <<http://www.onuitalia.it/sviluppo/sostenibile/UNEPNOTAINFORMATIVASULLUN.html>>
- <<http://www.frazi.net/frasi/cerca.asp?search=nostalgia&cat=frasi-d-amore>>
- <<http://www.pensieriparole.it/aforismi/successo/frase-8576>>
- <[http://www.antoniomiranda.com.br/sobreoautor/sobre\\_autor\\_index.html](http://www.antoniomiranda.com.br/sobreoautor/sobre_autor_index.html)>
- <<http://www.apoftegma.it/aforismi/frasi-Nostalgia.asp>>
- <<http://it.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081015054627AAt40jd>>
- <[http://it.wikiquote.org/wiki/Henry\\_David\\_Thoreau](http://it.wikiquote.org/wiki/Henry_David_Thoreau)>
- <[repubblica.com.it](http://repubblica.com.it)> , 19 de dicembre de 2008.
- <<http://arte-cultura-recensioni.noiblogger.com/la-nostalgia-fa-bene-alla-salute/>>
- <<http://www.tantasalute.it/articolo/nostalgia-non-e-un-male-anzi-fa-bene/4004/>>
- <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir\\_Jank%C3%A9%C3%A9vitch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vladimir_Jank%C3%A9%C3%A9vitch)>
- < <http://www.filosofico.net/simmel.htm>>

<<http://www.pensieriparole.it/aforismi/successo/frase-8576>>  
<[http://sites.google.com/site/cronachepietrotarallo/  
appunti-di-massimo-quaini/il-paesaggio](http://sites.google.com/site/cronachepietrotarallo/appunti-di-massimo-quaini/il-paesaggio)>  
< [http://it.wikipedia.org/wiki/Et%C3%A0\\_dell'oro](http://it.wikipedia.org/wiki/Et%C3%A0_dell'oro)>  
<[http://www.ejpd.admin.ch/ejpd/it/home/dokumentation/red/  
archiv/reden\\_christoph\\_blocher/2006/2006-07-10.html](http://www.ejpd.admin.ch/ejpd/it/home/dokumentation/red/archiv/reden_christoph_blocher/2006/2006-07-10.html)>  
<[http://www.archphoto.it/2008/01/23/ecologia\\_glossario/](http://www.archphoto.it/2008/01/23/ecologia_glossario/)>  
<[www.lanuovaecologia.it](http://www.lanuovaecologia.it)>  
<[www.legambiente.it](http://www.legambiente.it)>  
<[http://www.lorienconsulting.it/it/library/Ecobarometro%3A-  
Approfondimento-su-Consumi-biologici-e-mobilit%C3%A0%2C-  
i-comportamenti-degli-italiani.xhtml](http://www.lorienconsulting.it/it/library/Ecobarometro%3A-Approfondimento-su-Consumi-biologici-e-mobilit%C3%A0%2C-i-comportamenti-degli-italiani.xhtml)>

GIULIANI, Gian Mario. *Ecologia e nostalgia do futuro. Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro de 2011, vol. 19, n. 2, p. 270-313, ISSN 1413-0580.

**Resumo:** (*Ecologia e nostalgia do futuro*). A nostalgia tem sido um sentimento subestimado na sua potencial capacidade de alimentar uma diferente visão do mundo e de estimular novas relações, mais equilibradas e sustentáveis, entre a sociedade e a natureza. Neste artigo propomos pensar a nostalgia como uma potencial crítica ao modo de viver próprio da sociedade capitalista industrial. Nesse sentido, buscamos mostrar como o sentimento da nostalgia pode fornecer alma e força aos conhecimentos das ciências sociais e da ecologia, ao mesmo tempo que a conexão destas ciências pode oferecer os instrumentos cognitivos capazes de dar substância à crítica potencial contida na nostalgia.

**Palavras-chave:** ecologia, nostalgia, transdisciplinaridade, ciência e sentimentos.

**Abstract:** (*Ecology and nostalgia for the future*). Nostalgia is a feeling that had been underestimated in its potential capability to foment a different perception of the world

and to inspire new, more balanced and sustainable relations between society and nature. In this article we propose to conceive of nostalgia as a potential criticism of the capitalistic industrial society and its way of life. In this sense, we will seek to show how nostalgia can give soul and strength to knowledge in the social sciences and ecology. At the same time, connection between these sciences can confer essential cognitive tools capable of substantiating the potential critique represented by nostalgia.

**Key words:** Ecology, nostalgia, transdisciplinarity, science and feelings.